

HISTÓRIAS TECIDAS, SABERES ESCRITOS: O CURSO DE HISTÓRIA DO CERES ENTRE OS ANOS DE 1974 E 1988*

Olívia Moraes de Medeiros Neta¹

olivianeta@yahoo.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O CURSO DE UMA LEITURA, LEITURA DE UM CURSO

Nos caminhos da leitura de um curso, encontramos leis e outros escritos como códigos de uma produção controlada e selecionada, organizada e redistribuída às universidades brasileiras. O currículo como uma construção, instrumento significativo de intervenção do Estado no Ensino, na formação intelectual da clientela que frequenta os bancos escolares para a prática da Cidadania no sentido que interessa aos que se encontram representados no poder;² têm seus autores, existem sujeitos por detrás deles que vão além da expressão “generalizante” e “homogeneizadora” de Estado.

Parafraseando Goodson,³ a luta para definição de um currículo envolve prioridades sócio-políticas e discurso de ordem intelectual; no discurso que se constrói formam-se modelos de professores, de alunos, de sociedade, de disciplinas, de condutas, de posturas. Neste sentido, o currículo produz identidades e subjetividades determinadas.

Nas falas curriculares, a partir da noção de discurso, escutaremos as leituras do curso de História implantado com uma estrutura curricular composta por 2.130 horas para disciplinas obrigatórias e 180 horas para disciplinas complementares, sendo 34 disciplinas obrigatórias dispostas com seus créditos e ementas em uma média de oito períodos letivos.⁴ Para Kátia Abud, através de programas curriculares divulgam-se as concepções científicas de cada disciplina e o discurso de poder se pronuncia e define sentido, forma, finalidade, conteúdo, estabelecendo sobre cada disciplina o controle da formação a ser transmitida e pretendida.

O discurso pretendido no currículo não é informação apenas, mas envolve a produção ativa de sensibilidades, maneiras de percepção de “si” e dos “outros”, formas

particulares de agir, sentir, operar sobre “si” e o “mundo”, de prescrever posturas. Entretanto, o entendimento de que há diferenças, conflitos e clivagens entre a prática idealizada; currículo pré-ativo, normativo e escrito pelos representantes do poder educacional instituído e o currículo como prática em sala de aula, currículo interativo. Na interface do dizer e do fazer, o texto curricular é enunciado, pois o que está prescrito não é necessariamente o que é aprendido, o planejado não é necessariamente o acontecido; devemos procurar a construção social do currículo, tanto em seu nível de prescrição como em nível de interação.⁵

A diferença entre o “currículo pré-ativo” e o “currículo interativo” é que o primeiro trabalha no nível do ideal, do imaginado, e não com a situação de universo complexo, repleto de diversidades. Segundo Maria Stephanou, o conhecimento presente nos currículos de História dos anos 80, século XX, no Brasil, caracteriza-se por deter sobre fatos passados, valorizando a ação dos personagens-heróis, “grandes homens” – cujas intenções, propósitos e objetivos são propulsores dos acontecimentos, destacados nos cenários de diferentes épocas; ênfase aos conhecimentos oficiais, apresentação dos fatos através de sucessões cronológicas, dispostos linearmente, convergindo para uma visão de evolução e de relação de causa/efeito; periodização assentada no modelo quadripartite francês – Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea – ou ainda comunidade primitiva, escravismo, feudalismo, capitalismo/socialismo, de maneira que, parte da história do mundo ocidental se insere nessa seqüência com inexistência de pontos pragmáticos referentes à África e sociedades orientais; a presença de uma visão dual e etnocêntrica das diferentes sociedades humanas – civilizados *versus* primitivos, evoluídos *versus* atrasados; ênfase no estudo do mundo ocidental da vida de protagonistas masculinos, brancos, assim como de atributos masculinos, alimentando igualmente o etnocentrismo, o eurocentrismo, a xenofobia, o racismo e mal disfarçados preconceitos nacionalistas e genocídios; tendência a uma história assexuada, em que crianças, velhos e mulheres raras vezes são narrados, descritos ou sequer citados, prevalecendo uma representação do passado que negligencia o tratamento de grupos minoritários. A humanidade

é apresentada como uma rota linear, sem altos, embora com alguns desvios, em direção ao mundo de hoje, que é representado como o máximo de progresso e desenvolvimento humano.⁶ O currículo é resultado de uma seleção, saberes que formam posturas e quando visibilizados supõem uma questão de identidade, de subjetividade, tornando o currículo uma questão de conhecimento de poder.⁷

É um passo, é uma ponte, é uma apresentação às marcas de um fazer com seus lugares sociais, institucionais, com seus indicativos teórico-metodológicos e faces de uma história tecida no cenário do ensinável. Estes nos convidam a uma caminhada histórica pelas laudas dos Planos de Curso de disciplinas, por Diários de Classe, por propostas curriculares que guardam os fios discursivos das Histórias Ensinadas, enrolados às balizas do tempo e emudecidos por um toque de silêncios historiográficos. Os saberes apresentados, objetivados e subjetivados como Histórias Ensinadas conosco dialogaram com os fios discursivos, costurando empiria a teoria, inspiração a narração. Mas este segundo capítulo é apenas um passo, uma ponte. As águas de [09 de] março continuarão a rolar nos próximos tópicos.

A HISTÓRIA COMO ESPETÁCULO

Lugares de produção e não-ditos são recorrentes em Histórias Ensinadas que, com seus signos e símbolos possibilitam leituras de mundo.

Histórias Ensinadas enredam-se no saber histórico permeado de práticas culturais que envolvem avaliações, metodologias, procedimentos, recursos de ensino. Análises historiográficas, relevância de estrutura curricular, arcabouço teórico-metodológico são elementos que isoladamente poderiam constituir-se como objetos de estudo passíveis a problematização; não é este conjunto ou uma de suas partes que representa nossa “paisagem de pesquisa”. Esta constrói-se a cada diálogo proferido com a historiografia, com as fontes (planos de curso, diários de classe, portarias, resoluções e outros) e seus discursos, diversas vozes que dialogam e constroem muitas possibilidades para distintos olhares.

Que História é ensinada? Onde buscá-las? São nossas inquietudes, fios para tecermos a rede do Curso de História do Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES – através de cenários e atores enredados nas Histórias Ensinadas, pois “história é o privilégio que é necessário recordar para não se esquecer a si próprio. Ela situa o povo no centro dele mesmo, entendendo-o de um passado a um futuro”.⁸

A História “fundada sobre o corte entre um passado, que é um objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, [...] não pára de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas”,⁹ é espetacularizada nas leituras históricas, nos lugares de produção, no ofício do historiador; concebe, então, uma textura escriturária que toma posições de sujeitos das ações e oferece ao historiador que, “não é o sujeito da operação da qual é o técnico. Não faz a história, pode apenas fazer história [...]”,¹⁰ as não pretensões a um real, pois este que se inscreve no discurso historiográfico provém de um lugar, de uma produção, de um ramo particular e socialmente determinado.

Nos roteiros da história, os lugares são os “atos presentes desta produção e a situação que hoje o torna, possível, determinando-o; o objeto as condições nas quais tal os qual sociedade deu a si mesma um sentido através de um trabalho que é também ele, determinado”.

¹¹ A História como espetáculo é roteirizada por sua estrutura curricular, por ementas, disciplinas, Planos de Ensino e pelos Diários de Classe.

No CERES, as Histórias encenadas são falas que constroem posturas, maneiras de ser, fazer, dizer. Nas disciplinas História do Brasil I e II, Estudo dos Problemas Brasileiros I e II e Introdução ao Estudo da História buscaremos adentrar o mundo dos espetáculos históricos, abriremos as cortinas da História, recomporemos roteiros, olharemos cenários, distribuiremos posições.

FALAS DE UM ROTEIRO

O roteiro como demonstrativo à ação histórica guarda a face prescrita e a apreendida, ou seja, o currículo que está prescrito não é necessariamente o que acontece, é, no todo, uma construção social em nível de prescrição e interação.¹² Partilhando da concepção de História como construção discursiva constituidora de objetos de investigação, de dados históricos, as Histórias Ensinadas no Curso de História do CERES são nossas falas, são dizeres do currículo e sua estrutura que no recorte das disciplinas de História do Brasil I e II, Estudo dos Problemas Brasileiros I e II, Introdução ao Estudo da História¹³ instauram maneiras de ser, conhecer e interpretar, bem como escrevem o saber histórico como uma paisagem no tecido da História.

As ementas das disciplinas, as bibliografias escolhidas, os objetivos, as metodologias constituem-se enquanto filigranas ao olhar às Histórias Ensinadas, estas protegidas por um passado pronto à visitação e disposto ao diálogo com vistas a fazer brotar muitas histórias do ensinado, com seus roteiros e componentes de uma grande sinopse do que fora ensinado nas muitas aulas, gradeadas pelo currículo do Curso, pelas orientações e interesse de discentes e docentes, do Estado, da Instituição.

As disciplinas já mencionadas serão nossos *scripts*; os recortes do currículo são as falas eleitas à nossa conversação quanto as Histórias Ensinadas no período de 1974 a 1988. Nas veredas dessas disciplinas, suas abordagens são destacadas e por nós buscadas, não em sua finitude, mas em suas enunciações, suas regularidades e suas pluralidades discursivas. Narrativas a partir de estruturações quanto à eleição de conteúdos e bibliografias compõem nuances das ilustrações do saber histórico, envolvendo a produção de visões de mundo, as concepções de História e arrumações nos saberes pautados no e para o ensino.

Pensar as Histórias Ensinadas nas fontes recortadas, que nos emprestam suas vozes para que juntos entoemos as falas de um currículo amarrado a ações de orientações docentes, é um exercício que envolve táticas e estratégias, usos e consumo inseridos numa

cadeia de construção que, a partir de Introdução ao Estudo da História, recepciona o ensinável em História, compondo paisagens para vê-la e senti-la. Com os passos no caminho do Curso de História, o Brasil enquanto corpo escrito, projeção e sistematização de história para uma nação é visibilizado nos espaços das disciplinas História do Brasil I e II.

Como apêndice às Histórias do Brasil, uma outra face é visibilizada portando histórias de um Brasil visto a partir dos problemas: é a disciplina Estudo dos Problemas Brasileiros I e II, que não é peculiar apenas do Currículo de História, sendo mais uma regularidade aos níveis de ensino diversos. Mesmo não tendo e não sendo uma disciplina específica da História, esta porta muitas vozes que pensam um Brasil pelos problemas, pelas vias do Estado e estas vozes são históricas, proliferaram as Histórias Ensinadas no CERES, portanto, são passíveis de análise, suas vozes clamam por novos tons.

Costurando Introdução ao Estudo da História como mestre de cerimônia ao saber histórico, História do Brasil I e II como as falas de um Brasil ensinável, Estudos dos Problemas Brasileiros I e II como a face das preocupações com a nação e seu espaço, formam um tecido de categorias pensadas para “formar” nos discentes a “consciência histórica”, introjetando nestes sujeitos discussões acerca das filosofias da História, das pluralidades de suas visões, dos problemas que cercam o corpo nacional.

HISTÓRIAS ENSINADAS, HISTÓRIAS ENCENADAS

Nos espetáculos da História, no recorte curricular, nas veredas da historiografia buscamos os roteiros de histórias, priorizando direções de cenas de Introdução ao Estudo da História, História do Brasil I e II, Estudo dos Problemas Brasileiros I e II.

Introdução ao Estudo da História recepciona os sujeitos ao campo histórico, estruturando-se conforme olhares da Historiografia, tais como os conceitos de História, a Heurística, a Crítica e a Síntese Histórica e Ciências Auxiliares da História¹⁴ e a partir daí o

projeto de ensino volta-se às análises das fontes historiográficas, as valorizações dos conhecimentos básicos da História como ciência e contribuições de outras ciências à História.¹⁵

Avançando pelas falas históricas, a História do Brasil I e II dá corpo à nação partindo da expansão marítima portuguesa, os descobrimentos e estudos evolutivos dos acontecimentos políticos e sociais do Brasil Colônia;¹⁶ o Brasil tinha sua História recomposta com estudos do Brasil independente e seus aspectos sociais, políticos e culturais culminando com o Brasil Contemporâneo¹⁷. Política, cultural e socialmente pensava-se um Brasil ensinado, um Brasil lido nos recortes de Celso Furtado, Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré, Hélio Vianna, Sérgio Buarque de Holanda.¹⁸

A História do Brasil também era estudada pela face dos problemas, conforme é visto na disciplina Estudo dos problemas Brasileiros. Dividida em I e II, tal componente curricular estudava os problemas brasileiros, privilegiando a “abordagem sócio-estrutural da realidade brasileira. Estudos específicos sobre a economia, política, sociedade e segurança nacional”,¹⁹ objetivando estabelecer uma análise comparativa entre a política social e econômica, nacional e internacional, evidenciando a importância da segurança e manutenção nacionais e sua relação com o desempenho político.²⁰ Docilizar, normatizar, conhecer o Brasil num quadro político-econômico de desenvolvimento; conhecer seu homem e sua formação eram eixos à moldura do Estado e da Nação que ancoravam as leituras e as posturas recorrentes para o estudo dos problemas brasileiros.

Nos detalhes de um cenário, na História com espetáculo e nas falas de um roteiro – as Histórias Encenadas – tece-se o Curso de História como palco, a História como recorte de um roteiro de muitas falas, uma sinopse reveladora de orientações, de proposições ao ser e estar no campo histórico e suas operações, seus saberes e redes de poder que atuam no conhecimento histórico o que vem compor o Ensino de História como novelo de saberes enrolados por muitas mãos e muitos jeitos e pre-jeitos na produção e difusão do saber histórico

em que História, ciência e arte, profissão e prazer encontram-se nas trilhas do escrito, do roteirizado nos atos do ensinar firmando à História o espetáculo com os holofotes do saber e as cortinas do poder.

Nas águas do ensinável, a História toma formas roteirizadas, em suas disciplinas pauta diretrizes, limites aos saberes via ementas que parecem construir com os tijolos dos objetivos propostos os passos da História, das muitas Histórias que põe-se ao ensino, à degustação dos saberes nos fios de tempo e espaço,

O que é afinal História Ensinada? É uma inquietação, uma problemática de múltiplas faces dada suas muitas Histórias e, por escreverem-se no humano e pelo humano agarra-se ao subjetivo. Do seio do homem, do tempo e do espaço as Histórias Ensinadas são construídas e encenadas por docentes e discentes, firmam-se como visões e produções de sujeitos agarrados a epistemes e rodeados por espetáculos, roteiros, encenações e muitas vozes.

NOTAS

* Artigo apresentado no simpósio temático História e Historiografia da Educação no Brasil: desafios e perspectivas de pesquisa durante o XXIII Simpósio Nacional de História, realizado na Universidade Estadual de Londrina de 17 a 22 de julho de 2005.

¹ Mestranda em História (História e Espaços) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² ABUD apud BITTENCOURT, C. M. F. (Org). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. p. 28.

³ GOODSON, I. F. **Currículo: História e Teoria**. p. 28.

⁴ Cf. Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos na relação oficial dos Currículos. História – Licenciatura Plena. 1979.

⁵ GOODSON, I. F. **Currículo: História e Teoria**. p. 78.

⁶ STEPHANOU, M. Currículo de História: Instaurando Maneiras de ser. Conhecer e interpretar.

⁷ SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo p. 15-17.

⁸ CERTEAU, M. de. **A Escrita da História**, p. 16.

⁹ Idem, p. 46.

¹⁰ CERTEAU, M. de. **A Escrita da História**, p.16.

¹¹ Idem, Ibidem, p. 23.

¹² O currículo como uma leitura no cerne do pensado e do executado apresenta como o defendido por Goodson na obra "Currículo: História e Teoria" uma face idealizada (currículo pré-ativo) e outra praticada (currículo interativo).

¹³ História – Licenciatura Plena, Cf. Relação Oficial dos Currículos, destacados pela Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos em 1979.

¹⁴ Elementos que compõem a ementa da disciplina Introdução ao Estudo de História; conforme Plano de Curso de 1981.1, UFRN/CERES.

¹⁵ Objetivos Gerais traçados para o plano de ensino de Introdução ao Estudo da História de 1981.1, UFRN/CERES.

¹⁶ Ementa para a Disciplina de Brasil I (plano sem data), UFRN/CERES.

¹⁷ Esta seria a ementa de História do Brasil II.

¹⁸ Leituras indicadas para os Cursos de História do Brasil I e II; de acordo com os planos analisados.

¹⁹ Conforme ementa de EPB I, UFRN/CERES de 1981.

²⁰ Objetivos presentes no plano de Curso de EPB II, UFRN/CERES de 1985.2.